

## Estratégias de indeterminação em Português Antigo

Clara Pinto

Em Faggion (2008) são apresentadas várias das estratégias disponíveis no Português Antigo para expressar sujeitos indeterminados. O recurso a tempos verbais na 3.<sup>a</sup> pessoa do plural ou o emprego do pronome indefinido *homem* (cf. Mattos e Silva 1989; Pinto 2019) são alguns dos exemplos descritos.

Nesta comunicação apresentarei algumas estratégias de indeterminação da referência, não só do sujeito, mas de outros constituintes com diferentes funções sintáticas, que têm passado mais despercebidas na literatura. Centrar-me-ei nos dados do português antigo e em estratégias que desapareceram da língua após esse período ou que se tornaram menos produtivas.

Em textos medievais, uma estratégia frequente de indeterminação consiste no recurso a elementos de natureza relativa, que podem expressar sujeitos indeterminados, como em (1), mas também referências locativas indeterminadas, como em (2). A coocorrência do verbo volitivo *querer* com elementos relativos, sobretudo com *qual*, parece ser uma estratégia frequente para reforçar a indeterminação da referência do nome (cf. exemplo 3). No entanto, a forma *qual quer* regista-se igualmente como sujeito indeterminado, com comportamento pronominal, como em (4). A combinação de *qual* com a forma do verbo *querer* ocorre igualmente em espanhol medieval (cf. Mackenzie 2019), não sendo, portanto, exclusiva do português.

Uma outra estratégia muito frequente no português antigo é o emprego do elemento *al* como ilustrado em (5), mas a sua vitalidade na língua é apenas temporária, dado que desaparece até ao século XVI, juntamente com a forma derivada *alhur*, usada para referir localizações espaciais indeterminadas como em (6).

- (1) «E se me matardes, disse Bliobleris, que bem vos verra, ca *quem quer que o saiba* vos tẽera por perjurado e por desleal [...] (DSG)
- (2) «Nom me cal», disse Galaaz, «por *u quer que passe*, ca ei tam grande coita que nom posso aqui muito estar». (DSG)

- (3) Cus(tume) he q(ue) sempre pode todo dízimeyro da ribeira & todo porteiro que téem portagées demandar o sseu dereíto en *qual quer tempo* senõ ha o sseu dere(i)to Assy se g(uar)da. (CS)
- (4) E por esto he maldicto *qual quer que treiçom faz*, ca des ally adiante nũca se nẽ hũu quer chamar do seu linhagem, assy como foy deste. (DG)
- (5) Assi disse a donzella por se encobrir, mas *al* tinha no coraçom e *al* mostrou aquel serao. (DSG)
- (6) E Lançarot lho agradeceu muito, mas disse que *alhur* se quiriam ir. (DSG)

### Referências

CS= Rodrigues, Maria Celeste Matias (1992). *Dos Costumes de Santarém*. Dissertação de Mestrado, Lisboa, FLUL, pp. 160-251.

DSG= Piel, J. e I. Nunes. (1988). *Demanda do Santo Graal*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

DG= Machado Filho, Américo (2013). *Diálogos de São Gregório. Edição semidiplomática*. Bahia: UFBA. Digitalized version.

Faggion, C. (2008). *A Indeterminação em Português: uma perspectiva diacrônico-funcional*. Tese de doutorado. UFRGS.

Mattos e Silva, Rosa Virgínia (1989.) *Estruturas trecentistas (elementos para uma gramática do português arcaico)*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

Mackenzie, Ian (2019). *Language Structure, Variation and Change: the case of Old Spanish syntax*. London: Palgrave MacMillan.

Pinto, Clara (2019). Os multiplos valores do item *homem* em Portugues Antigo. In Carrilho et al (eds.). *Estudos Linguísticos e Filosóficos oferecidos a Ivo Castro*. Lisboa: FLUL. pp. 1147-1180.